

ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

UME: PEDRO II

COMPONENTE CURRICULAR: História - 8º ANO A, B e C

UNIDADE TEMÁTICA: Os processos de independência nas Américas e Brasil no séc. XIX.

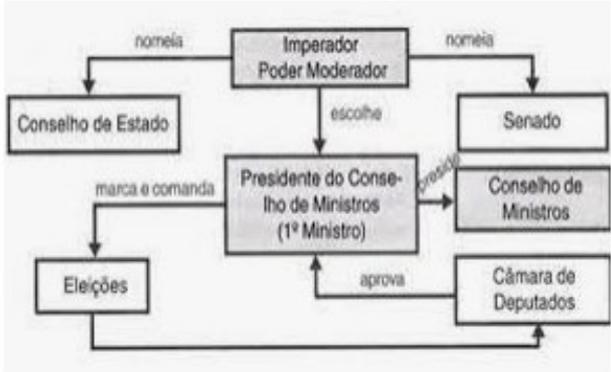
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Primeiro Reinado e o Período Regencial

HABILIDADE: EF08HI15 e EF08HI16.

PROFESSOR(ES): Carlos Roberto de Messias.

PERÍODO DE 23/08 a 31/08/2021

Enviar para o e-mail carlos01793572801@educa.santos.sp.gov.br

História	
Tema: REBELIÕES NA AMÉRICA	
Orientação	<p>I. Estou disponibilizando vários materiais para você estudar em casa: Os textos abaixo, links de textos e videoaulas para você ver e rever de acordo com seu ritmo e sua compreensão. Assim, você poderá, com mais tempo, estudar ainda mais e responder as questões que você encontrará nas atividades.</p>
Textos	<p>Ideias iluministas e um quarto poder De fato, a Carta Constitucional estabelecia um Executivo forte e, além dos três poderes propostos pelos pensadores iluministas – Legislativo, Executivo e Judiciário – a nova Constituição criava um quarto poder: o Moderador. Esse poder tinha como objetivo garantir a harmonia entre os outros três. Porém, quem chefiava esse Moderador era o Imperador, que também era o chefe do poder Executivo. Ou seja, o imperador tinha sob seu controle dois poderes. Com isso, ele podia poderia dissolver a Câmara dos Deputados, convocar eleições e aprovar ou vetar decisões adotadas pela Assembleia Geral.</p> <p>A Confederação do Equador</p> <p>A dissolução da Assembleia Constituinte, em 1823, provocou insatisfação em diversas províncias. No Nordeste, por exemplo, os presidentes das províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará se declararam independentes do Brasil e formaram a Confederação do Equador. As quatro províncias decidiram adotar a Constituição da Colômbia como lei máxima da Confederação. A ideia dos separatistas era criar e estabelecer um Estado autônomo, que não precisasse se reportar ou enviar impostos para o Rio de Janeiro, onde se encontrava o centro do Império brasileiro. No entanto, o desejo de unir as quatro províncias e governá-las com soberania e autonomia</p> 

não se concretizou. Em 1824, o Império enviou forças para o Recife e para Olinda e dominou as duas cidades. Menos de três meses depois, as tropas do governo tomaram o Ceará. O movimento, naquele momento totalmente sufocado pelo governo, teve seus líderes presos e condenados à morte. Um desses líderes, o Frei Caneca, foi condenado ao enforcamento, mas por se tratar de um religioso, o carrasco se recusou a executar a pena. Em vista dessa resistência, o frei foi morto por um pelotão de fuzilamento.

Crise e renúncia ao trono

Em todo o país, muitas pessoas condenavam a concentração de poderes nas mãos do imperador. Além disso, a presença de portugueses na administração imperial causava descontentamento entre os brasileiros. A insatisfação aumentou quando o imperador entrou em disputa com seu irmão, D. Miguel, pela sucessão do trono português após a morte de dom João VI, em 1826.

A disputa agravou os sentimentos antilusitanos no Brasil. Acusado de se preocupar mais com assuntos estrangeiros do



que com os problemas nacionais, dom Pedro I perdeu seu prestígio entre a população. Assim, em abril de 1831, sozinho e sem apoio, o imperador foi obrigado a **abdicar** do trono em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, de 5 anos de idade. Chegava ao fim o Primeiro Reinado.

Abdicar: renunciar a um cargo (neste caso, ao cargo de rei ou imperador) ou a uma honraria.

A Regência (1831-1840)

Com a abdicação de D. Pedro I, o trono brasileiro ficara vago, pois seu filho e sucessor tinha somente 5 anos de idade. A Constituição previa que, enquanto o pequeno Pedro não atingisse a maioridade (18 anos), o país seria governado por regentes nomeados pela própria Assembleia Geral (assim se chamava, na época, o Poder Legislativo, composto da Câmara dos Deputados e do Senado).

Entre 1831 e 1835, vigorou uma Regência Trina, ou seja, uma regência composta por três integrantes. De 1835 a 1840, a regência tornou-se una, ou seja, apenas uma pessoa exercia o cargo de regente. Esses nove anos trouxeram algumas mudanças significativas para o país. Uma das principais discussões desse período foi o da organização das forças armadas para a defesa do governo do Brasil.

Nesse sentido, em 1831, a regência criou uma força armada que respondia diretamente ao Ministério da Justiça. Essa organização se chamava Guarda Nacional e surgiu para defender o cumprimento da Constituição, evitar desordens e rebeliões internas.

Coronelismo

A Guarda Nacional era formada por **milícias** civis, e não por militares, uma vez que não estava ligada ao Exército. Em cada cidade ou vila do interior deveria haver uma unidade da Guarda Nacional. Seu posto mais alto era o de coronel. Esse cargo era quase sempre ocupado pelo chefe político do lugar, que representava os interesses dos grandes fazendeiros. Dessa forma, a criação da Guarda Nacional consolidou o poder local dos grandes proprietários de terra.

Surgia assim um sistema político conhecido como coronelismo. A base desse sistema era o poder local dos coronéis do interior (daí o nome). O coronelismo teria muita influência na vida política brasileira até meados do século XX. Como organização, porém, a Guarda Nacional foi abolida em 1918.

O coronel, geralmente um grande proprietário de terras, controlava a vida da família, dos filhos e afilhados (que eram muitos), dos **agregados**, dos colonos que trabalhavam em suas terras e dos comerciantes locais. O poder político sobre as pessoas que viviam próximas ocorria por meio da troca de favores, da oferta de proteção e também por meio da ameaça de violência contra quem contrariasse seus interesses.

Milícia: organização de cidadãos armados que não integram o exército oficial de um país.

Agregado: pessoa que convive com uma família como se fizesse parte dela.

Textos

Rebeliões nas províncias

O período regencial também foi marcado por um grande número de guerras civis que, por pouco, não puseram em risco a integridade do território brasileiro. Contribuíram para essas rebeliões as disputas políticas internas das províncias, as desigualdades sociais e a continuidade da escravidão.

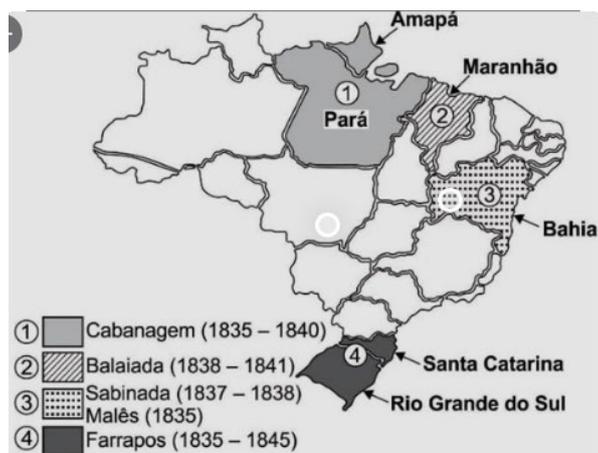
No Grão-Pará, por exemplo, as hostilidades contra a nomeação do presidente da província ocasionaram, entre 1835 e 1840, a Cabanagem, movimento que contou com a participação das camadas pobres da população, que moravam em casebres nas margens dos rios e nos igarapés.

Ainda em 1835, os rebeldes tomaram o poder na capital, Belém. Esta foi a primeira vez que a população pobre conseguiu tal feito em uma província do país. Foram necessários cinco anos de combate para o governo retomar o controle. A Cabanagem terminou em 1840, deixando 30 mil mortos ou cerca de 20% da população da província.

Entre 1838 e 1842, na província do Maranhão, lavradores, vaqueiros, tropeiros e artesãos, entre outros trabalhadores livres, além de três mil escravizados, lideraram uma revolta. Eles protestavam contra as forças locais que recrutavam **compulsoriamente** para o exército os membros das camadas pobres da população.

Os rebeldes criticavam também as desigualdades sociais e a discriminação social da qual eram vítimas. Durante os confrontos, invadiam fazendas e libertavam os cativos. Em 1839, chegaram a dominar Caxias, a segunda maior cidade maranhense, onde constituíram uma Junta Provisória. Esse movimento ficou conhecido pelo nome de Balaiada, pois um de seus líderes era um escravizado fugido que fabricava balaios (cestos).

Os combates se estenderam até 1842, quando as tropas governistas controlaram os rebeldes. Os confrontos deixaram um saldo de seis mil mortos, entre cativos e sertanejos pobres.



Compulsório: o que é imposto a alguém, obrigatório.

Revolta dos Malês e a Sabinada em Salvador

A cidade de Salvador abrigava, no começo do século XIX, cerca de 65 mil pessoas. Mais de dois terços dessa população era composta de negros e pardos livres e escravizados, que sofriam com o preconceito e a opressão social. A desigualdade social era muito grande: cerca de 90% da população livre vivia na pobreza. Toda essa situação contribuiu para que ocorresse em 1835, a chamada Revolta dos Malês, um movimento liderado por escravizados de diferentes etnias seguidores do islamismo (os malês) cujo objetivo era dominar a população branca e decretar uma monarquia islâmica na Bahia.

A revolta irrompeu em janeiro de 1835, quando cerca de 600 escravizados e libertos, armados de espadas, saíram às ruas e ocuparam diversos quartéis. Queriam o fim da escravidão e da propriedade privada da terra. O movimento, contudo, fracassou: tropas do governo, portando armas de fogo, contiveram a rebelião e mataram grande número de rebeldes.

Dois anos depois, uma nova rebelião foi deflagrada em Salvador. Tratava-se da Sabinada, revolta cujo nome deriva de seu principal líder, o jornalista Sabino Barroso. O movimento defendia a emancipação da Bahia, que seria transformada em uma República.

Contando com o apoio de amplos setores da sociedade, como representantes das camadas médias e baixas da população, militares, comerciantes e escravizados, os revoltosos tomaram o controle de Salvador e proclamaram a República Bahiense. A repressão ao movimento foi intensa e a república não sobreviveu por mais de quatro meses. Cerca de cinco pessoas foram mortas nos combates e outros acabaram presos. Por cinco anos, a província viveu sob intervenção militar.

Revolução Farroupilha

No Rio Grande do Sul – e posteriormente em Santa Catarina – outro movimento marcaria profundamente a nacionalidade brasileira e as relações com o governo central. Foi a Revolução

	<p>Farroupilha (1835-1845), uma longa e sangrenta guerra civil também conhecida como Guerra dos Farrapos.</p> <p>O movimento foi liderado por fazendeiros gaúchos (estancieiros), mas contou com a participação também de outros segmentos, como representantes do clero e magistrados, embora estes nunca tenham chegado às posições de comando.</p> <p>Do ponto de vista político, os estancieiros defendiam maior autonomia das províncias em oposição à centralização praticada pelo governo regencial. Do ponto de vista econômico, estavam insatisfeitos com os altos impostos cobrados pelo governo sobre seus produtos: charque (carne-seca), couro, trigo e animais. Também estavam incomodados com a concorrência do charque importado do Uruguai.</p> <p>Em 1835, sob a liderança de Bento Gonçalves, rico proprietário de terras e comerciante, os revoltosos depuseram o presidente da província e ocuparam a capital Porto Alegre. Em setembro de 1836, proclamaram a República Rio-Grandense. Os farroupilhas dominaram grande parte do território sulino até 1845, quando firmaram um acordo com o governo central, pondo fim à revolta.</p>
<p>Atividades</p>	<p>Leia as questões abaixo e responda:</p> <p>1. A Revolta dos Malês pretendia implantar uma monarquia islâmica na Bahia. Se o plano desse certo, a quitandeira Luísa Mahin, uma liberta que participou ativamente da organização da revolta, seria nomeada rainha. O levante fracassou e Mahin escapou com vida, chegou a participar da Sabina, mas depois seu destino tornou-se incerto. Seu filho, o advogado Luís Gama, que teria importante papel na abolição da escravatura, ainda tentou descobrir o paradeiro da mãe, mas não obteve informações precisas. As quatro estrofes da página seguinte foram retiradas de um poema sobre a vida de Luísa Mahin. Leia com atenção e responda ao que se pede.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p>[...] Mas Luísa era guerreira A rebelde sem igual Fez ainda de sua casa Como um quartel general Onde eram planejadas As revoltas sem igual.</p> <p>Apesar de tudo isso E de tudo que lutou Essa mulher imponente Muito se silenciou Pois ainda não se conta Tudo que realizou.</p> </div> <div style="width: 45%;"> <p>Mas apenas sua memória É forte o suficiente Pra mexer na estrutura Dessa gente incoerente Que não fala a verdade Sobre o negro insurgente. [...] E para as mulheres negras</p> <p>Mahin é uma referência Um espelho poderoso Dessa forte resistência É coragem feminina E também resiliência.</p> </div> <div style="width: 10%; border: 1px solid black; padding: 5px; font-size: small;"> <p>Resiliência: capacidade de uma pessoa lidar com seus próprios problemas, vencer obstáculos e não ceder à pressão, seja qual for a situação.</p> </div> </div> <p style="text-align: center; font-size: x-small; margin-top: 10px;">ARRAES, Jarid. <i>Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis</i>. São Paulo: Pólen, 2017. p. 91-92.</p> <p>1. Como a poeta Jarid Arraes descreve a figura de Luísa Mahin? 2. Por que, para a poeta, Luísa Mahin é referência às mulheres negras de hoje? 3. Cite exemplos de dificuldades que as mulheres negras enfrentam na sociedade brasileira dos dias atuais e como enfrentam essas dificuldades. 4. A poeta aponta como uma das características de Luísa Mahin a resiliência, ou seja, a capacidade de superar dificuldades. Em sua opinião, qual foi a maior dificuldade que você já enfrentou? Você conseguiu superá-la? Precisou da ajuda de alguém ou superou sozinho? Escreva em seu caderno um texto de no máximo dois parágrafos a respeito dessas questões.</p> <p>2. Para refletir, leia primeiro o texto da página 132 e depois responda a questão abaixo. Vimos que no início do século XIX, o Brasil ainda não era considerado uma nação, no sentido pleno da palavra. Em sua opinião, por que hoje podemos afirmar que o Brasil é uma nação? O que mudou nesse período?</p>

<p>Onde encontro o conteúdo</p>	<p>Videoaula – Primeiro Reinado / Período regencial Disponível em: https://youtu.be/Va01QETRzmg Disponível em: https://youtu.be/eP4NsZD5SXg Acesso em 20 julho 2021</p> <p>Site fec.Unicamp - Primeiro Reinado e Período Regencial Disponível em: http://www.fec.unicamp.br/~caxd/falcetta/resumos/hist11.pdf Acesso em 20 julho 2021</p>
--	---